

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539-TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2350

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, DE 30 DE JULHO 1926

A BATALHA

A CRISE DE TRABALHO

A Federação da Construção Civil apresenta soluções que merecem o apoio de toda a gente

Conforme ontem noticiámos, uma comissão delegada da Federação dos Operários da Construção Civil procurou o presidente do ministério a quem entregou uma representação sobre a crise de trabalho na indústria.

Essa representação não era uma lamúria, era o resultado do aturado estudo que interessa a uma indústria que já chegou a empregar cerca de duzentas mil pessoas, que neste momento se encontram na sua quasi totalidade na mais negra miséria.

A representação é a síntese desse estudo. Mas tiveram os operários da Construção Civil o cuidado de não se limitarem a examinar a questão pelo lado exclusivo do interesse de classe.

A Federação da Construção Civil quis, e conseguiu, nas medidas que apresentou ao governo, conciliar o interesse duma classe que atravessa uma crise horrorosa com os do público em geral.

Por isso o povo deve dar às suas reclamações todo o seu apoio. As populações das grandes cidades, principalmente, muito teriam a lucrar se a doutrina contida na aludida representação tivesse materialização rápida.

O problema da falta de habitação, que tanto afflige neste momento os moradores das grandes cidades, ficaria em grande parte resolvido.

A conclusão 6.ª da referida representação, por exemplo, resa assim:

«6.ª—Que o governo proceda, desde já, ao acabamento das obras dos bairros sociais do Arco do Cego, em Lisboa, Porto e Covilhã, e bem assim inicie a construção dos bairros da Ajuda e Alcântara.»

A rápida conclusão destas obras traria vantagens apreciáveis para os inquilinos que, devido às ambições dos senhores, se encontram mal

alojados e sobrecarregados de rendas pesadíssimas.

Na conclusão 8.ª, exprime-se deste modo:

8.ª—Que o governo proceda, se tanto for necessário, à expropriação de terrenos por utilidade pública, segundo as leis 23-6-1850 e 26-7-1912, a fim de construir bairros genuinamente operários nos pontos mais populosos do país, tais como: Alentejo, Algarve e cidades de Lisboa e Porto, devendo-se construir nesta cidade, nas seguintes localidades: Ervilha, Francos, Serra do Pilar e Estrela, visto ali existir abundantemente pedra e saibro para a sua construção e como tal ficar mais económico.

Bem andariam as populações e o operariado destas províncias e destas localidades em apoiar fortemente as reivindicações da Federação da Construção Civil, visto que elas lhes interessam directamente.

Também a numerosa classe ferroviária não foi esquecida pelos reclamantes que, sabedores da sua grande aspiração, propuseram a seguinte medida:

9.ª—Que o governo atenda na parte que lhe diz respeito e force as respectivas companhias a atender as reclamações do pessoal ferroviário no que respeita à construção de casas para a sua habitação.

Pela complexidade das indústrias modernas, mantêm umas tão íntima ligação com outras que a abundância de trabalho na da construção civil implica um acréscimo de trabalho em tantas outras, como na dos electricistas que fazem as instalações eléctricas, dos caldeiros que abrem os arruamentos, condutores de carroças, fabricantes de cerâmica, etc.

Prometeu o presidente de ministério não descurar este importante assunto. Estamos habituados a estas promessas. Entretanto, como se diz que enquanto há vida há esperança, não queremos desde já desanimar, pelo menos, para não desmentir o ditado.

bon senso, cortou. Ficou absolutamente desautorizado na nossa presença. Segundo depreendemos da discussão travada na nossa frente, o artífice obedeceu a qualquer vingança pessoal e mesquinha que não queremos esmiuçar para não deixarmos o sr. Alcoforado... mais furado nos seus brios. Sabiam quantos que o sr. Maia Alcoforado não é pessoa de confiança, visto que abusa da confiança dos jornais para formular acusações contra a reputação de quem não as merece. Ficámos-lo conhecendo.

Dar de beber a quem tem sede é o mandamento

mas o sr. Carlos Pereira nem sequer nos vende a água que é nossa

A falta de água, como nos anos anteriores, continua a fazer-se sentir nesta quadra estival.

Mas como quasi todos os governantes têm sido pessoas de finanças desafogadas que podem comprar para seu uso águas termas, parece que pouco se importam que uma população inteira sofra os horrores da sede e não tenha uma gota para banhar o corpo.

Tem corrido mais rios de tinta em protestos de imprensa contra este abuso do que gotas de água dos contadores.

Intéus têm sido esses protestos e parece-nos que em breve não haverá tinta nos tinteiros que chegue para verberar esta situação insustentável.

E' certo que a água é má e devido à carência dela não tem havido mais doenças, nem epidemias... Mas mesmo, assim inquinada, queremos-la, desejamo-la. Haja quem acabe com esta situação!

O actual governo que «vinha meter isto nos eixos» daria a todos os cépticos uma prova da sua competência se fosse capaz de meter a companhia na ordem.

Anda-se para aí a representar uma comédia, na qual entra a Direcção Geral de Saúde, que não se pode sustentar.

O povo de Lisboa, já tão sacrificado, tem direito pelo menos a saciar a sua sede. Dar de beber a quem tem sede é um mandamento da lei de Deus. O sr. Carlos Pereira, director da Companhia, é um bom católico que nem ao menos nos vende de beber. E o governo que acaba de reconhecer a personalidade jurídica da igreja porque não o obriga a cumprir o preceito cristão?

INSTRUÇÃO
Escola e Biblioteca de Estudos Sociais de Giestá
Reúne em assembléa geral, amanhã, pelas 21 horas, para tratar de assuntos de grande importância.

SACCO E VANZETTI

Os trabalhadores portugueses começam participando activamente da campanha internacional

PORTO, 28.—Promovida pela Juventude Sindicalista e pela Câmara Sindical do Trabalho, efectuou-se ontem, pelas 22 horas, a anunciada reunião pública e de protesto contra a sinistra condenação à morte, pelo capitalismo yankee dos camaradas Sacco e Vanzetti.

Presidiu Inácio Martins, da Juventude Sindicalista, secretariado pelos camaradas Belchior e Manuel Matos, respectivamente pela Câmara Sindical e pelo Centro Comunista do Porto.

Explicado, pelo presidente, o alto significado do protesto e a necessidade urgente duma forte agitação do proletariado para salvar das garras do carrasco electrocutor as vítimas supramencionadas, concedeu a palavra, sucessivamente, aos camaradas Júlio Gonçalves Pereira, do Comité Anarquista do Norte; António Teixeira, Zacarias de Lima, pela Delegação Confederal; Mário Ferreira, Joaquim Caetano Ralha e José Augusto de Castro, pela Comissão de Propaganda do Núcleo Sindicalista do Porto.

Os oradores referiram-se indignadamente às atrocidades que, desde longa data, se vêm cometendo na América do Norte contra os mais esforçados militantes das ideias de emancipação humana—para demonstrarem que Sacco e Vanzetti, sendo novas vítimas da serie iníqua das represálias dos imperadores dos dólares, não são condenados como simples seres humanos, mas como revolucionários encarnados dos princípios revolucionários de libertação do proletariado universal.

Foi patenteada a inocência irrefutável dos dois perseguidos, fazendo-se alusão ao dilúvio de manifestos, de jornais e revistas especialmente criados para a publicação de documentos e gráficos inofensivos e comprovativos de que Sacco e Vanzetti não podem ser os culpados dos crimes de assassinatos e roubo como falsa e sistematicamente, lhe imputam os capitalistas americanos, a fim de darem um golpe profundo na organização operária.

A pesar de tudo isto, e da última confissão do português condenado à morte, Celestino de Medeiros, pondo a descoberto os verdadeiros criminosos do citado crime, a magistratura yankee, para conservar a sua intangibilidade e a sua infalibilidade abalada, persiste em querer assassinar na cadeira eléctrica Sacco e Vanzetti.

Aludiu-se também ao sintomático silêncio da imprensa republicana sobre este caso, quando outrora, a propósito de qualquer perseguição movida a espíritos de ideias avançadas, fossem da classe operária manual ou intelectual, desenvolvia uma intensa campanha de defesa das vítimas e contra os tiranos: é que então tratava-se da especulação republicana. Hoje...

A propósito, falou-se também daqueles tempos em que no Porto, em todo o país, todas as criaturas de consciência livre intensificaram uma forte agitação entre o proletariado para se salvar do carrasco Gorki e Ferrer. Constatando-se a actividade extraordinária desses períodos de verdadeira efervescência revolucionária com os momentos presentes, reconhece-se a tristeza que a pouca acção dos revolucionários de hoje está a infundir naqueles que desejariam que tudo isto caminhasse mais entusiasticamente para a frente... A pesar-de já decorrerem 10 anos de República...

Também se salientou que a reacção americana é uma derivante de um *mot d'ordre* capitalista para a reacção internacional contra o proletariado de todo o mundo, motivo por que entre nós se passam igualmente lances de repressão brutal, como as deportações que têm aniquilado e enoideado perseguidos. De maneira que todos os oradores foram concordes em que a organização operária e revolucionária deve revigorar-se: se ela fivesse o revigoramento indispensável, poder-se-ia entrar no concerto das nações proletárias para a acção do *bolchev* à América do Norte em defesa das vidas preciosas de Sacco e Vanzetti...

Foi aprovada a seguinte moção da Juventude Sindicalista do Porto:

«Considerando que a burguesia norte-americana acaba de recusar a revisão do

O caso Angola e Metrópole e as pessoas «dignas» que nele se envolveram

Volta a falar-se no caso Angola e Metrópole. Os jornais anunciam para breve a pronúncia dos acusados. A partir dessa data deixará de existir o chamado segredo de justiça e quem tiver cousas curiosas para revelar — revele-as lá. E quem folhear o tal processo monstro — ou monstruoso? — que carregando nuns tantos líbia as boas pessoas do Banco de Portugal, encontrará decerto monstruosidades.

Desta vez o público irá saber o resto do muito que já sabe.

E ainda a propósito do burla Angola e Metrópole-Banco de Portugal escrevem-nos o seguinte que não deixa de ser curioso porque lança muita luz sobre o estófo moral de certas criaturas delicadas, nobres e... honestas:

«Sr. redactor: Tendo lido nos jornais da manhã que a senhora D. Carlota de Serpa Pinto deu uma entrevista ao sr. dr. Menano sobre José Bandeira, venho informá-lo do seguinte e interessante caso:

«Esta mesma senhora foi a Paris nos primeiros dias de Outubro, demorando-se no Hotel Claridge uns 18 a 20 dias. Todas as despesas da viagem, como viagens, hotel, massagista, vestidos e chapéus, foram gentilmente pagas por este mesmo senhor a quem D. Carlota se arrepende de ter recebido em sua casa.

«Além disto esta senhora tinha dois filhos

processo que condena à morte Sacco e Vanzetti;

«Considerando que esta revisão deveria ser feita em virtude dos protestos do proletariado internacional contra a sentença que os condenou bárbaramente à morte;

«Considerando que ainda há pouco o português Celestino de Medeiros, também condenado à morte na América, declarou publicamente que tinha sido ele o único autor do crime de que Sacco e Vanzetti são acusados;

«Considerando ainda que cabe a quem ama a liberdade pugnar para que essa medida tirânica não seja posta em prática, e exteriorizar o seu protesto veemente numa demonstração vibrante contra esse acto; o N.º 1.º do Porto, reunido em sessão de protesto, resolve:

Fazer sentir, não só às autoridades portuguesas para que façam pressão junto do governo norte-americano para mandar rever o referido processo pelo qual Sacco e Vanzetti foram condenados à morte, traduzindo assim o desejo da mocidade portuguesa — mas também junto do representante americano neste país, demonstrando-lhe que a monstruosidade que se premedita é indigna dum país que tem a liberdade como símbolo, é uma infâmia, um atentado aos sentimentos humanos e liberais de toda a mocidade universal;

Fazer sentir, bem fundo, que contra essa tirania a mocidade portuguesa, solidária com a de todo o mundo, ergue a sua voz, clamando pela revisão do processo, por justiça aos inocentes.»

O documento que a Câmara Sindical do Trabalho vai enviar ao representante dos Estados Unidos da América do Norte também foi aprovado.

Reconhecendo-se a necessidade de levar a cabo uma manifestação pública de maior grandeza, depois duma actividade urgente propaganda contra a tirania yankee com esclarecimentos de factos, procedeu-se à nomeação de um Comité encarregado de levar esses trabalhos à prática.—C.

Manipuladores de Pão do Porto

Numa reunião magna que se efectuou nesta colectividade para se tratar de assuntos corporativos, foi também apreciada a sorte dos operários italianos Sacco e Vanzetti. Depois de vários oradores estigmatizarem a ignóbil condenação imposta pelo capitalismo norte-americano a essas vítimas, foram aprovados uma moção e uma representação a ser enviada ao representante dos Estados Unidos no Porto:

«Considerando que os honestos operários Sacco e Vanzetti são, na América do Norte, inculcados injustamente de um crime que não cometeram, com a única mira de pôr fora de acção estes dois amantes da liberdade, que estão prestes a ser executados pelos engenhos eléctricos;

«Considerando que estes dois apaixonados da propaganda reivindicadora entre as classes exploradas, já têm sofrido nos calabouços as maiores dores morais e físicas, a ponto de chegarem a declarar a greve da fome, encontrando-se há já bastante tempo doentes e havendo um deles sido internado num hospital onde sofreu dias seguidos de torturas horrosas;

«Considerando que é necessário arrancar estas duas vítimas à sanha feroz e ignominiosa do governo norte-americano que também se rotula de liberal, a classe dos manipuladores de pão do Porto resolve;

Protestar indignadamente contra a pena capital que querem impor a Sacco e Vanzetti, cujo crime deste dois operários inocentes é serem ineteratos na propaganda que fazem a favor das classes oprimidas;

Que se faça saber, por officios, às suas congéneres da América, que nós aqui também estamos ao lado dos que tão denodadamente trabalham para a felicidade universal;

Que por todas as formas ao nosso alcan-

ce, estijamos de alma e coração com o que a C. G. T. faça no sentido de salvar da morte estes dois nossos irmãos de sofrimento;

Oficiar, neste sentido, ao representante do governo americano nesta cidade.»

O erudito «Diário da Tarde» descobriu uma doença que a poucos afecta

O *Diário da Tarde* é um repertório enciclopédico que as famílias de bom tom devem consultar à hora do chá. Imagine-se que ontem descobriu uma nova doença, que fica no número das que affectam o coração. Não tem uma designação específica: é o medo da vindita, o remorso pelos crimes cometidos, e outras coisas dignas de pouca referência. E isto basta para se morrer do coração. E' claro que de tal doença não morrerão esses «monstros» que se guiam na vida por uma alma dura e seca, mas que o sr. Alberto Xavier tão profundamente respeita e exalta nos seus artigos de fundo rito... Pois aos que merecem a defesa desinteressada do sr. Xavier dedicamos nós os mesmos dotes epítetos, e outros adequados, que foram o nosso elogio fúnebre do «senhor de todas as Russias».

Supomos que o *Diário da Tarde* não dirigia a nós as suas perguntas sobre as prováveis causas da morte do «mais tórv e complicado organizador de polícias repressivas». Mas preguntamos nós ao *Diário da Tarde* porque se beliscou com uma local nossa, em que se atinga a defesa social de um regime que o sr. Alberto Xavier com tanto ardor tem combatido. Emfim, de positivo há que o *Diário da Tarde* descobriu uma doença de que andam bem livres os chefes e mais componentes das Tchecas portuguesas...

empregados por José Bandeira em Lisboa e no Porto.

«Se achar este caso interessante para o seu jornal — aproveite-o. Cria-me, etc. — M. A. M.»

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

O terror branco mantém nas prisões da Bulgária inúmeras pessoas que sofrem todos os horrores

Onde a reacção se despenha mais furiosamente é nesse país incanecido, nascido do capricho dum czar da Rússia: a Bulgária. A pesar da amnistia que o governo inquisidor fez publicar ultimamente, em prosapia de contemporizador, permanecem nos cárceres da reacção búlgara muitas centenas de pessoas—camponeses, operários, intelectuais, jovens e mulheres. Todos os dias se fazem numerosas prisões, sem se invocar, ao menos, um pretexto.

Em fins de abril existiam na prisão central de Sofia 122 presos políticos de todas as convicções; em Vidine, 24; em Tornovo, 19, entre os quais quatro mulheres; em Russ, 18; em Seoliev, 4; em Kustenojil, 10; em Pazardjik, 78; em Vardza, 46; em Plovdiv, 103; em Ilaskov, 54; em Santa Zagora, 25; em Plevne, 7; em Lem, 7; em Chernom, 38; em Varna, 22; em Sliven, 215; em Burgas, 20. Faltam ainda os dados numéricos das outras prisões, o que eleva o total de presos políticos nas masmorras da Bulgária acima dum milhar.

Os presos são submetidos a um regime desumano, sendo todos eles tratados como salteadores e bandidos, em vez de os considerarem como políticos. E' por isso que, abusando duma odiosa lei de segurança do Estado, aqueles presos são julgados como criminosos de delito comum. O regulamento interno das prisões é mais severo para os presos políticos do que para os outros. Cotidianamente são-lhes aplicados castigos bárbaros, sem haver motivos que o justifiquem, ao menos, em aparência de justiça. Os presos são provocados pelo pessoal, composto todo de carrascos e de espíões, criminosos que procuram sempre o ensejo de massacrar. Na cadeia de Varna duas vezes os guardas massacraram os detidos.

Aos presos tem sido negada a recepção de livros e jornais. Os condenados à morte são fechados em células e carregados com ferros aos pés. A alimentação dos presos compõe-se unicamente de um pão de 900 gramas e um caldo tão salgado que os infelizes quasi sempre, recusam. E, assim, a fome vai definhando os desditosos prisioneiros.

Sabão, tabaco, vestuário, tudo está interdito aos prisioneiros: nem mesmo lhes é fornecido roupas de cama.

A maioria das prisões são antigas fortalezas turcas, torres sem janelas, onde a humidade se escóia. Não há, ali, tratamento médico; e aos doentes recusa-se sistematicamente o transporte para o hospital, sob o pretexto de que eles fugiriam. As visitas passaram a ser consentidas uma vez por mês, apenas, e após dificultosas formalidades. A visita dura apenas um quarto de hora, tendo de ser feita na presença dos guardas carrascos e não sendo possível aos visitantes ver mais do que a cabeça do prisioneiro.

As consequências deste regime de terror aumentam desmesuradamente a sua barbaridade. Os filhos dos presos sofrem todas as privações, havendo entre eles uma mortalidade assustadora. Nas últimas semanas têm-se registado numerosos suicídios de mulheres das famílias dos presos e dos que foram massacrados.

Tentaram-se grandes subscrições públicas, para que as vítimas tivessem dinheiro, viveres, vestuário. O resultado foi quasi nulo, menos por falta de solidariedade do que pela grande crise de trabalho e pelo bárbaro regime de terror.

Todos os operários de tendências revolucionárias têm sido despedidos. As subscrições são consideradas contribuições ilegais e os seus promotores são perseguidos. A pesar disso, por ocasião das festas nacionais, conseguiram-se levar aos prisioneiros melhor alimento, dinheiro, tabaco, sabão e outros artigos.

No campo, os camponeses ajudam as famílias dos seus camaradas presos ou mortos a cultivar as terras, sem nada receberem por isso.

O comité de defesa das vítimas recebemos um apelo que termina assim: «O proletariado internacional, com o apoio das suas manifestações de solidariedade, tem salvo da morte e da prisão um grande número de revolucionários búlgaros. Não deve, pois, atenuar ou desanimar na sua vibrante campanha contra o terror branco da Bulgária!

Sente-se que o proletariado organizado é a única força capaz de lutar contra a reacção mundial. Em face de perseguição movida a tantos indivíduos pelo regime de terror, não nos furtamos a curiosidade de inquirir o que fazem essas Ligas de Direitos do Homem espalhadas pelo mundo, e de cuja actividade recebemos, raramente, vagas informações...

O antagonismo dos estadistas ingleses e russos

REVAL, 19 de Julho.—As divergências já previstas, quando da greve geral inglesa, entre o comissariado dos negócios estrangeiros e os elementos activos do partido comunista, têm-se definido cada vez mais, nos últimos tempos. Segundo a opinião dessa subdiplomacia existente na Rússia, acontecimentos decisivos na Inglaterra seriam desastrosos para a União Soviética, visto que poderiam provocar um revigoramento e o provável triunfo das tendências anti-bolchevistas. Os homens do sovietismo vêem mesmo que uma crise económica que surgisse do conflito mineiro seria bastante prejudicial ao sovietismo.

Actualmente, o conflito mostra disposição de se eternizar, realizando-se tudo que predisse o sr. Tchitcherine. A Inglaterra verá, muito tempo, a sua industria paralisada e o descontentamento social irá progredindo incessantemente e minando o organismo do Reino Unido, do que deve resultar inevitavelmente um desprestígio da sua politica exterior.

Para guerrear os sóviets, a Inglaterra resolveu de qualquer modo, com as faculdades da sua diplomacia, a questão de Mussul em pendencia com a Turquia e a Persia.

Os diplomatas soviéticos, é claro, mostram-se cépticos quanto ao êxito desta nova modalidade da politica inglesa, mas andam desconcertados com as reservas que vêm manifestando os círculos de Angora, capital da república turca, não fornecendo informações que interessariam ao sovietismo.

A greve dos mineiros ingleses A solução continua sendo deveras problemática

LONDRES, 29.—A comissão executiva da federação dos mineiros reuniu-se esta manhã, estando presentes os seus novos membros, recentemente eleitos. Aproximadamente metade dos membros da comissão foram substituídos, não representando, porém, tal facto qualquer mudança na politica da federação.

Na sessão de hoje foi preparada a agenda dos trabalhos da conferência dos delegados que amanhã se realiza, tendo sido convidados os deputados trabalhistas a reünirem-se com os dirigentes mineiros antes daquela conferência iniciar os seus trabalhos.

A greve encontra-se na sua 13.ª semana, procurando os dirigentes da igreja preparar o terreno para uma regulamentação, para o que ainda ontem conferenciaram com os dirigentes mineiros. —(L.)

As potências imperialistas querem dinheiro

Uma conferência internacional de êxito duvidoso

LONDRES, 29.—A Conferência Internacional sobre as dívidas de guerra deve reunir-se no fim do ano, afirmando-se que além dos acordos sobre as dívidas inter-alizadas nela será tratada a revisão do plano Dawes. O *Daily Telegraph* duvida do êxito desta conferência, desde que os Estados Unidos dela não participem. —(L.)

Franceses e americanos ainda se não entenderam

LONDRES, 29.—A imprensa mostra-se desapontada com as declarações do sr. Poincaré acerca do acordo franco-americano, que diz recusar-se a ratificar sem que lhe tenha sido introduzida a cláusula de garantia contra a falta de pagamento das reparações pela Alemanha. Os jornais afirmam que o sr. Poincaré nada pode fazer sem capital estrangeiro, o que depende largamente da ratificação do acordo de Washington. —(L.)

A digressão de um burguês subitamente perturbada

NOVA-YORK, 29.—O *Herald* diz que o presidente Coolidge pediu ao sr. Mellon, secretário do tesouro americano, actualmente em viagem de recreio em França, que interrompesse as suas férias a fim de realizar imediatamente uma conferência com alguns homens do Estado europeus sobre a situação financeira dos povos que sofram com a guerra. —(H.)

Obras de fomento em Espanha

MADRID, 29.—O comité de direcção da Confederação Hidrográfica do Ebro acaba de estabelecer um programa de trabalhos já aceites pelo ministro das Obras Públicas. A partir de 1 de Setembro próximo, serão inaugurados, consecutivamente, os trabalhos de cinco novas barragens. Estes trabalhos, que servirão para a irrigação duma enorme extensão de terrenos, causam grande entusiasmo entre as populações interessadas. —(H.)

Sinistro no mar

NEW YORK, 29.—O navio americano *Potarsashay* encontrou o barco italiano *Ansaldo San Giorgio*, quasi perdido em consequência da tempestade que havia atravessado, rebocando-o para Jacksonville. —(L.)

De Moscou a Paris

Dois aviadores conseguem fazer o percurso sem escala

PARIS, 29.—Os aviadores Girier e Dordilly, tendo percorrido sem escala os 606 quilómetros que separam Moscou de Paris, aterraram no aerodrom de Le Bourget. —(L.)

A fúgão do militarismo

Encontrou-se um pretexto para não desocupar a Alemanha

LONDRES, 29.—O sr. Chamberlain, respondendo ontem na Câmara dos Comuns a uma interperação, respondeu que as potências europeias representadas no pacto de Locarno não deram garantia alguma à Alemanha de que o exercito de ocupação do Reno seria reduzido aos efectivos da guarnição alemã de antes da guerra. —(L.)

O exercito belga reduz um pouco os seus efectivos

BRUXELAS, 29.—O Senado aprovou a proposta ministerial, já aprovada pela Câmara dos Deputados, reduzindo a 44.000 homens o contingente militar de cada ano. —(L.)

A ficção da Sociedade das Nações

A Itália e a Inglaterra preparam-se contra o protesto da Abissínia

GENEVA, 29.—O protesto apresentado por Rzaiafari, da Abissínia, na Sociedade das Nações contra o acordo anglo-italiano, surpreendeu a opinião publica italiana, segundo informações recebidas de Roma. O

Notas & Comentários

A moralidade e a igreja

Na igreja de S. Silvestre deu-se ultimamente um incidente que provocou escândalo na imprensa. Foi o caso de uma inglesa que estava rezando junto ao altar mór ter provocado a indignação dum rapaz asexual, por estar com um vestido de manga curta. O rapazinho chegou a intimá-la a sair da igreja ao que ela se recusou pelo que o «filho de Cristo» chamou dois policias que se recusaram a expulsar a dama inglesa.

Surgiu então, magestoso e solene, o prior da igreja que incitou os fiéis a expulsarem a inglesa. Estes, porém, cresceram indignados para o padre e para o rapazinho sem sexo e expulsaram os dois a muralha da igreja.

E' claro que as «Novidades» não publicaram sobre este pequenino escândalo uma única linha.

Uma incoerência do Papa

Os católicos estão sendo violentamente perseguidos no México. Esta violência que poderá ser condenável e, entretanto, consequência dos abusos formidáveis que desde longa data os ministros de Deus vinham praticando naquele país. Roma encontra-se alanceada com tanta perseguição e o Santo Padre, choroso, contristado, pede a todos os católicos que façam preces no sentido de levar o Padre Eterno a abrandar as fúrias dos perseguidores. Mas o Papa não deve ter razão. A ordem das preces é incoerente. Se deseja que todos acreditem no poder inabalável do Todo Poderoso não deve recomendar as orações. E' uma ofensa ao divino poder lembrar-lhe a situação dos católicos mexicanos. Deus nunca deveria esquecer-se dos homens, evitando-lhes todas as desgraças.

Uma violência

A actual viciação militar retirou ao lisboeta o direito de entrar no Parque Silva Porto e não contente com isso proibiu-o de merendar sob as árvores frondosas do Campo Grande. Quem pretender entrar naquele parque terá de pagar uma importância fixada pelo critério dos questionários na posse do Município. Contra estas violências protestamos, tanto mais que a população da cidade não pode ser privada da população do logradouro público onde tem de ir para respirar por alguns minutos uma atmosfera que lhe permita resistir à péssima hygiene da cidade decretada pelos majores e coronéis do Largo do Pelourinho.

Incidente liquidado

Anteontem, publicou a Batalha, assinado e a instâncias do sr. Maia Alcoforado, um artigo violento contra o dr. sr. Augusto da Fonseca Júnior, tenente-médico da armada e governador civil do distrito de Beja. Procurados por este senhor, que negou a veracidade das acusações formuladas pelo articulista, provocámos um encontro entre ambos — acusado e acusador — que se deu ontem na nossa redacção. Maia Alcoforado não provou uma única das acusações publicadas nem mesmo daquelas que a censura, pela primeira e única vez... com

Contradições dos livros santos

Na demonstração de quanto são falsos os títulos que o Cristianismo apresenta, a fim de provar a sua divindade ante as almas ingênuas, nada poderá instruir melhor do que a apresentação detalhada das contradições de que estão cheios os seus livros sagrados.

A divindade do Cristianismo repousa sobre a crença em que os escritores dos livros do antigo e do novo testamento foram locos inspirados por Deus. Segundo esta crença, não haverá naqueles livros opiniões individuais, nem reminiscências, nem exposição de conhecimentos adquiridos pelos autores: é o próprio Deus em pessoa quem lhes guia a pena, e o Espírito Santo quem lhes revela as eternas verdades, e deles se serve como simples instrumentos para a exposição de simples verdades.

Isto admitido, todas as contradições se tornam impossíveis. As narrativas não podem apresentar divergências. A moral religiosa deve manter-se a mesma, sempre inalterável. Deus, sendo sempre idêntico a si mesmo, para ele não há progressão na verdade, e daí a imutabilidade do ensino...

Isto é o que pede a lógica. Isto não é todavia o que nos apresentam os livros fundamentais do Cristianismo, os quais, se foram realmente inspirados pelo Espírito Santo, apenas servirão a provar que este cavalheiro é a mais perfeita língua de trapos, que tenha sido possível imaginar-se, pois nunca as contradições foram como nestes livros, tão evidentes e palpáveis.

Vemos expor algumas das mais frísantes. Em face delas, não se quer que todos os crentes tenham feito voto de estupididade e de irracionalidade, não haverá quem não sinta a necessidade de alterar a expressão *verdade religiosa* por esta outra: *mentira religiosa*.

De facto, se quem muito se contradiz muito mente, poucos terão mentido tanto como o Espírito Santo, supremo revelador de tais livros.

E' o que vamos provar.

* * *

O *Genesis*, que é o primeiro livro da Bíblia, tratando da criação do homem, diz: «E criou ele (Elohim) o homem à sua imagem, e macho e fêmea o criou».

E' uma afirmação categórica do hermafroditismo primitivo, do qual os exemplares actuais, tão raros, serão, como os invertidos sexuais, reproduções atávicas. Esta afirmação deve ser tida, porém, por Deus na conta de heterodoxa, porque, logo a seguir, o Espírito Santo, arrependido, emenda assim: «E disse O que de per si existe (Deus): Não é bom que o homem esteja só. E enviou-lhe um sono, durante o qual lhe tirou uma costela, da qual fez a mulher».

Primeiro, fez o homem macho e fêmea; depois fez primeiro o homem, e tendo-lhe tirado uma costela, fez então a mulher.

Como conciliar essas duas versões? Quando trata do dilúvio, a Bíblia ora diz que as águas se conservaram sobre a face da terra pelo espaço de 150 dias, ora pelo espaço apenas de quarenta. Como quer que fosse, no primeiro dia do décimo mês, iam-se já os altos montes; todavia, quarenta dias depois, quando Noé soltou a pomba, ainda esta não encontrou onde pousar!

Quando, depois do dilúvio, os homens pensaram em resistir a qualquer novo atentado semelhante da parte de Deus, edificando como precaução a torre de Babel, diz o *Genesis*, cap. XI, vv. 5-7:

«O Senhor, porém, desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis aqui um só povo e uma só linguagem de todos, e pois que eles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, a menos que o não tenham de todo executado. Vinde, pois, e desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que não entenda cada um a voz do que lhe está próximo».

Não falem, por agora, na absurda concepção ali feita dum Deus que desce a ver a cidade, exactamente como um castelão que vem lá do alto do seu paço senhoral, a visitar os povos da planície. Limitemo-nos a pôr em confronto as palavras do cronista: *O Senhor desceu* com as palavras postas na boca do Senhor, o qual, a pesar-de já ter decidido, diz ainda: *desçamos*, não se sabem

secretariado geral da S. D. N. respondeu ser necessário que o governo da Abissínia comunicasse se deseja levantar a questão na próxima assembleia geral ou no conselho executivo. Para ripostar a este protesto da Abissínia, a Inglaterra e a Itália estão resolvidas a apresentar à Sociedade das Nações as infracções cometidas pela Abissínia contra os regulamentos sobre tráfico de armas e de escravos.—(L.)

Arádio-fotografia

Notáveis experiências feitas pelo seu inventor

BERLIM, 29.—Bellin, o inventor da telefotografia, e Holweck, do Instituto de Radiofonia, utilizaram os electrões para a emissão e recepção, obtendo 100.000 sinais distintos por segundo. O resultado das experiências foi absolutamente satisfatório.—(L.)

Na República do México

O poder divino detido pelos partidários de Satanaz

MEXICO, 29.—O governo enviou instruções aos governadores das províncias para procederem ao inventário das igrejas desastadas, a partir do primeiro de Agosto. A associação das mulheres católicas enviou uma petição à esposa do presidente Calles, pedindo-lhe que as leis religiosas sejam modificadas num sentido menos rigoroso. Em várias localidades deram-se já diversos tumultos de origem religiosa.—(L.)

O predomínio do capitalismo

Um «trust» internacional da indústria siderúrgica

BERLIM, 29.—A «Gazette de Voss» anuncia que os representantes da indústria siderúrgica da França, Alemanha, Bélgica e Luxemburgo assinaram no dia 12 de Agosto um acordo constituindo um «trust» do ferro.—(L.)

A crise burguesa de França

O bloco das esquerdas foi fragmentado pelos socialistas

LYON, 29.—A federação socialista do Rodano anunciou a ruptura do «cartel», denunciando a sua aliança com os radicais, em consequência da «ligeireza com que se decidiram a abandonar os diversos projectos financeiros e o programa de 11 de Maio». Segundo informações locais que afirmam

do bem com quem fala, pois que o Deus cristão é um deus monoteísta.

Isaías, profeta que viveu (?) mais de dois mil anos depois de Abraão, chama aos caldeus *um povo novo*, a pesar-de o *Genesis* nos dar Abraão como procedente da Caldeia.

Falando de Abraão, quando Deus ordenou a este o sacrifício de seu filho Isaac, diz o *Genesis* (cap. XXII v. 14): «Abraão, bama a este lugar Iahouh-Ierah, isto é, Deus verdadeiro, onde veio até este dia (quer dizer, até à época da redacção do *Genesis* atribuída a Moisés) esta expressão: *Sobre a montanha Deus verdadeiro*. Pois bem: no cap. VI do *Exodo* afirma-se categoricamente que antes de Moisés, ninguém conheceu Deus pelo nome de *Iahouh*. Como, pois, o conheceu Abraão, que vivera tantos séculos antes de Moisés?...

As contradições afirmam-se igualmente entre as diversas redacções da Bíblia, colocando-nos numa extraordinária dificuldade de opção entre elas. Assim, o texto samaritano diz que os judeus estiveram 215 anos no cativeiro do Egito; o texto hebraico e o grego dão a esse cativeiro a extensão de 430 anos. E' apenas o dobro. Em qual deles nos devemos fiar?...

No cap. I do *Deuteronomio*, lê-se: «Eis aqui as palavras que Moisés dirigiu a todo Israel *além do Jordão*, no deserto. Mas, neste último livro, atribuído a Moisés, refere-se a morte deste como sucedida na *margem oriental*, sendo José quem guia o povo para a margem de além, na qual a Moisés não foi permitido tocar, em castigo dum momentâneo desfalqueamento da sua fé no poder divino. Isso, não obsta a que no cap. III de *Deuteronomio* se reinci-da na contradição, fazendo-se dizer a Moisés:

«Ao mesmo tempo, conquistamos a dois reis amorreus o seu país, situado *além do Jordão*, entre a torrente Arnon e o monte Hermon».

O que também não obsta a que no cap. IV, v. 22, Moisés nos diga:

«E agora morro eu nesta terra, sem ter passado o Jordão».

Então passou ou não passou? Em que fica esse inspirado de Deus?...

E' a história do *era não era e andava lavrando*. Cada palavra cada contradição. Quer dizer: cada palavra, cada mentira. O Espírito Santo não sabia por onde trazia a cabeça...

O *Livro dos Juizes* começa a narrativa por estas palavras: «Depois da morte de José...».

Não obstante, no cap. II, dá-nos conta dum assembleia geral presidida por esse mesmo José já falecido!

No cap. XIII dos *Actos dos Apóstolos*, dando-se conta de uma missão de S. Paulo em Antioquia de Pisidia, põe-se na boca do apóstolo estas palavras: «Depois que Deus entregou a nossos pais o país de Canaan, deu-lhe juizes por 450 anos, e depois de Samuel deu-lhes Saul por 40 anos». Total: 490 anos. Se formos, porém, consultar os livros dos *Reis*, veremos que ali se diz ser apenas de 480 anos o espaço decorrido desde a saída do Egito, muito antes da conquista de Canaan, até à fundação do Templo por Salomão, muito depois de Saul.

Parece que, desde a redacção dos *Reis* até à redacção dos *Actos*, deixara o Espírito Santo esquecer as suas ligeiras noções de cronologia...

Quando nos dá conta da sagração de Saul para fundador da primeira dinastia hebraica, diz-nos Samuel que Deus escolheu Saul para sempre. Passados tempos, usurpa Saul as funções sacerdotais, fazendo por sua mão um sacrifício propiciatório, no piedoso intuito de chamar em seu auxílio o *Deus dos exercitos*. Samuel então, irritado e esquecido (olá armadilhas do Espírito Santo!), de que Deus o elegera para sempre, vem anunciar-lhe da parte de Deus, que este procura para rei outro homem, segundo o seu coração, e o estabelecera chefe sobre o seu povo!

Esse novo eleito foi David.

(Continua) **Heliodoro SALGADO**

Um padre como há muitos

Os padres são sempre os mesmos nos seus processos jesuíticos. Aquele reverendo Jacinto António Direito, bem torto por sinal, prior da freguesia de São Miguel, é um dos que usa e abusa desses processos jesuíticos. Acusou o sacristão Joaquim Felix Balseão, um velho de 70 anos, de ter roubado um crucifixo de grande valor.

Afinal averiguou-se no governo civil que o pobre sacristão nada furtara, visto que o crucifixo se encontrava na casa forte da irmãdada, segundo acordo entre o tesoureiro da mesma e o citado prior.

Que dirá As *Novidades* deste ministro divino?

Rendimentos dos operários

No posto da Cruz Vermelha do Seixal recebeu curativo, recolhendo depois à enfermaria de São Sebastião do hospital de São José. José Maria Gomes, de 28 anos, ajudante de ferro, natural de Arrentela e residente na Amora, e que, quando trabalhava a bordo de um barco, fundado no Seixal, foi atingido por um arrebite, ficando ferido no rosto e no olho direito.

Na mesma enfermaria deu também entrada Manuel Pessoa de Amaral, de 46 anos, carpinteiro, natural e residente no Ervedal da Beira, o qual, quando ali trabalhava, foi atingido por um prego que lhe vasou o olho direito.

Deu entrada na sala de observações do banco do hospital de São José, Maria de Jesus Alves, de 26 anos, natural da Certã e residente em Barcarena, e que, nesta localidade, quando trabalhava na debulha do trigo, ao puxar a moinha da máquina debulhadora, foi colhida pela respectiva correia, ficando ferida no rosto e cabeça.

Os vencidos da vida

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebeu tratamento e recolheu depois à enfermaria n.º 9 do hospital de São José, Júlio Henrique de Moura Teixeira, de 45 anos, funcionário do estado, rua de São Marçal, 87, que tentou suicidar-se.

constituír os socialistas a maioria do conselho municipal de Lyon, estão estes decididos a pedir ao sr. Herriot que não acumule o cargo de ministro com o de «maire», cedendo a administração da cidade ao representante da maioria socialista.—(L.)

A situação do pessoal do município revelada por um interessado

A Tarde publicava ontem a carta que a seguir nos permitimos transcrever:

«...Parte dos empregados da Câmara Municipal está ameaçada de ficar sem pão. Os membros da comissão administrativa pensam em dispensar o pessoal provisório e os funcionários menores, colocando assim as portas da miséria, a um passo do crime, alguns honestos trabalhadores por todos os títulos dignos de maior consideração».

«Na Câmara há contratados apenas nominalmente. A verificação constitucional havia determinado e mais tarde foi aprovado, por unanimidade, pelo Senado Municipal, que se criasse um quadro, ou, por outra, que se transferissem todos os aspirantes contratados para o quadro provisório».

«Depois de tomada essa deliberação, deveriam ser anulados todos os contratos dos aspirantes e ser comunicada às Repartições qual a sua situação legal dentro da Câmara. Foi o que ainda se não fez. E porquê?»

«Será em virtude do decreto-mandado publicar pelo governo transacto em que se anulavam todas as nomeações e promoções, efectuadas pelo Estado ou dependências autônomas? Se é em virtude do citado decreto que a referida nota de comunicação se encontra sustada, há decerto equívoco, porque nem se trata de uma promoção, mas sim de uma transferência de quadro, o que é diferente».

«Quanto aos empregados menores da Câmara, não são menos competentes nem menos dignos de consideração do que os seus colegas. Alguns há que sustentam com o seu ordenado pessoas que lhe são queridas; outros ajudam a viver famílias numerosas; e outros ainda são o único amparo do seu lar».

Assina este apêlo um 1.º oficial do Município de Lisboa.

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ilda Stichini-Alexandra Azevedo

Os Filhos

Encantador entrecho

Espirituosos diálogos

Situações esplêndidas

Protagonista:

Ilda Stichini

DESPORTOS

NATAÇÃO

A Direcção da Delegação lembra mais uma vez aos Clubes interessados que o prazo para a inscrição dos nadadores nos campeonatos regionais que se realizam em 15 e 22 do próximo mês de Agosto, fecha em 31 do corrente impreritivelmente.

Aproveite, também para mais uma vez lembrar que a inscrição é feita em boletins que esta Delegação fornece ou num simples ofício em papel do Club que deverá conter os nomes dos concorrentes às diferentes provas marcadas e vir acompanhado da importância da taxa de inscrição que é de Esc. 5000 para seniores e Esc. 2500 para juniores. Para principiantes é grátis.

Todos os concorrentes são obrigados a remeterem uma fotografia para o cartão, sendo dispensados os que já a tiverem tendo secretária por o terem enviado no corrente ano.

E' também necessário que cada concorrente apresente uma ficha médica em impresso por esta Delegação fornecido.

Os boletins de inscrição e fichas médicas encontram-se nesta Delegação, rua Eugénio dos Santos, 110, 1.º e serão entregues mediante requisição dos Clubes pelo empregado Costa.

Mais comunica esta Delegação que na Docca de Alcantara no dia 4 de Agosto realizam-se eliminatórias abertas a todos os nadadores filiados para as seguintes provas:

100 metros, estilo livre; 400 metros, estilo livre; 100 metros de costas; 200 metros de bruços; 1.500 metros livres; e estafeta 4X200 metros.

Os vencedores serão opostos aos espanhóis no dia 7 na Docca de Belém.

WATER-POLO

A delegação de Lisboa da L. P. A. N. resolveu em sua última reunião marcar os últimos desafios do campeonato de water-polo para: Hoje às 18.30, 3.ª categoria: Club Nacional de Nataçõ-Gimnásio Club do Sul, árbitro Manuel Panchada da Silveira. Domingo, 1 de Agosto, às 16.30: final da 3.ª categoria: Sport Algés e Dafundo-Sport Lisboa e Benfca; às 17.15, final da 2.ª categoria: Sport Algés e Dafundo-Sporting Club de Portugal; 1.ª categoria, às 18 horas, Club Internacional de Nataçõ-Club Nacional de Nataçõ; às 18.45, Sporting Club de Portugal-Sport Algés e Dafundo.

TEATRO SALÃO FOZ

«Matinée» às 15 horas - «Sotée» às 21,15

4 sensacionais estrelas 4

Encarnita Marzal

(Estrela do «couplet»)

PILAR CALVO

(formosa bailarina espanhola)

SOEURS DUMAINE

«pareja» francesa de bailes

THE STEINERETTY'S. frotas com o seu «lido»

PREÇOS POPULARES

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Ginásio

A peça musicada de Villemetz e Yve de Mirande «Três meninas... nuas», tradução de Feliciano Santos e António Carneiro

«Três meninas... nuas» pertence ao número das peças fora das classificações dramáticas. Isso a recomenda, talvez pela invulgaridade.

Tem graça, não se pode negar, apresenta situações bem imaginadas e tem uma ótima tradução de Feliciano Santos e António Carneiro, dois brilhantes jornalistas e dramaturgos.

«Três meninas... nuas» está musicada com graça e até com certa técnica. Há frases admiravelmente construídas.

Do desempenho há que dizer bem. As três meninas Casarina Cruz, Maria Alvarez e Juliana Soares deram à peça vivacidade e frescura. Todas estas actrizes se salientaram pelo «vontade» com que estiveram em scena. Ilda de Vasconcelos completou este conjunto bulhoso com a consciência com que trata todos os papéis de que se encarrega. O papel de *Leotte* criado em Paris por Rose Nivel, foi carinhosamente estudado por Ilda de Vasconcelos que pela primeira vez toma parte em espectáculos de «vaudeville». Diz com expressão e canto com bom estilo. Joaquim Prata, que dispõe de bons recursos de actor cómico, manteve-se muito bem «desembaraçado» em todos os actos da peça, de que o segundo é o melhor. Otelo de Carvalho arranjou e fez com observação um belo tipo de marinheiro. Ribeiro Lopes, num pequeno papel, o actor correcto de sempre, como Carlos Santos que dirigiu artisticamente a peça. Lina Demol disse bem a canção completa «Raimunda» e de maneira que não tardará em ser entoada nas ruas da cidade. Os outros artistas bem. Os cenários de muito bom gosto, principalmente os de Mergulhão.

Nogueira de BRITO

O novo código teatral

Não é certo que o empresário Luís Galhardo faça parte da comissão que está elaborando o novo código teatral.

A vida aventureira de certos homens da sociedade, que passam por circunspectos, desvenda-se em «A casa de Suzana», local propício para as suas conquistas. E para se saber como as coisas se passam basta estar no teatro Apolo, às 9.45 da noite.

O grande acontecimento do dia, o assunto de todas as palestras teatraes, é o grandioso exílio do Ginásio com a lindíssima peça «As três meninas... nuas». O teatro enche à Cunha, todas as noites, para o que muito concorrem, além da beleza da peça, a modicidade dos preços dos bilhetes, que foram consideravelmente reduzidos.

«As três meninas... nuas» é uma peça repleta de espírito e elegância requintada parisienses. Nas «Três meninas... nuas» e dos seus apaixonados, personagens salientes nessa peça musicada, que Carlos Santos ensaiou com pericia, há a notar o esplêndido trabalho de Otelo de Carvalho, num papel de marinheiro, em procura dum longa, de que precisa a artista teatral de que está enamorado, e que tem que fazer um numero de revista. Esse marinheiro, para estar cerca da sua apaixonada, até se veste de bailarinas, e nesse «travesti» deserta Otelo de Carvalho as mais vibrantes gargalhadas.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha. A revolução Social e o Sindicalismo. Por Arkinoi. Preço 1550.

Banhos às crianças

As crianças da Escola do Sindicato Unico da Construção Civil que foram à inspecção médica, devem comparecer hoje às 7 horas na sede desta comissão, para seguirem para o banho.

SOCIEDADES DE RECREIO

Federação Distrital.—Reúne hoje, às 21.30 horas, o conselho federal deste organismo para apreciar, discutir e votar o relatório moral e financeiro da sua última gerência e parecer da comissão revisora de contas.

TIVOLI

Telefone II. 5474

A's 21 horas

600.000 francos por mês

Comédia em 8 partes com Nicolas Nolte

MALACARA

Film de aventuras em seis partes com Tom Mix e o seu celebre cavalo

UM DOCUMENTÁRIO

UMA CINE-REVISTA

AGREMIACÕES VARIAS

Grémio Covilhense.—A direcção deste Grémio, pede-nos para informarmos por intermédio do nosso jornal, não só os seus associados como ainda os nossos leitores, de que os excursionistas covilhanenses chegam hoje, 30, à estação do Rossio no comboio da tarde.

—A sede do Grémio passou a ser na rua da Palma, 272, 1.º, onde se realiza a assembleia geral no dia 2 de Agosto, pelas 21 horas.

'A Batalha' na provincia e arredores

Maíra

A pilhagem do antigo convento...

MAÍRA, 28.—Fomos há poucos dias visitar o convento de Maíra e saímos de lá verdadeiramente contristados.

Percorrendo as suas enormes salas vimos o pouco que os *vampiros* por lá deixaram. Nos aposentos que antigamente eram destinados à família real é onde mais notámos a ladrocinha de que este antigo convento foi vítima.

Dentro dum armário pequeno, mais parecido com um guarda-roupa dum pequeno burguês, estão meia dúzia de objectos de loiça. Perguntámos admirados se seria aquele o serviço de loiça das opiparas refeições da antiga família real, respondendo-nos o nosso *cicerone* que o que tínhamos visto era apenas uma pequena amostra e a parte mais importante da loiça estava guardada no armário de que só a administração tinha a chave.

Tinha o recado bem ensinado este *cicerone*. Com que então as louças estão fechadas num armário? Com esta história poder-se lá enganar o visitante, desde que este não resida em Maíra. Os que vivem nesta vila sabem perfeitamente que as louças da antiga família real estão, sem que ninguém a isso o autorizasse, a ser utilizadas pelo administrador do palácio. E ninguém também o autorizou a vender móveis do palácio como o fez há pouco com uma esplêndida cama de mogno.

E' claro que ninguém chama este administrador à ordem e também entendemos ser demarcada tolice pedir providências.

Vieira de Leiria

Uma exigência abusiva

VIEIRA DE LEIRIA, 28.—Não temos a propensão de conselheiro Acácio, lançando pesadamente em todas as questões que gravitam nesta região, a nossa opinião, insusceptível de corroboração.

Pelo contrário, entendemos que a todos cumpre manifestarem-se segundo as suas opiniões, porém sem obedecer a compadrio, sem intulos de fazer fretes a qualquer amigo. E no presente caso, em que somos obrigados a escrever duas linhas, temos de, necessariamente, prender ao papel algumas considerações, demonstrando dessa forma que nem sempre podem contar com a impunidade, aqueles que vivem de escamoteações e extorsões ilegais.

E o dr. sr. Manuel Fernandes Gaspar, médico residente em Marinha Grande, pessoa a quem nos ligam laços de amizade, terá de escutar-nos mau grado seu.

O velho anexam terá agora, neste caso, alturas de afirmar-se, no seu poder de síntese: *amigos, amigos, negócios à parte*.

O dr. Gaspar pretende receber a pequena quantia de 80 mil escudos, por serviços que não prestou.

Ora isso é inconcebível. O dr. Gaspar pretende colectar o povo da Vieira e consequentemente a Câmara da Marinha, com uma importância que lhe pertencia se tivesse fixado a sua residência nesta terra.

Sabido como é que o dr. Gaspar pouco tempo residia em Vieira de Leiria, e isto mesmo há muitos anos, não se concebe senão por uma aberração, que se lhe tenha que dar essa importância quando nessa terra não residia e por consequência não satisfizesse em absoluto a povoação da mesma. Vieira de Leiria só há poucos meses tem recursos médicos. Antecedentemente a essa data, os habitantes tinham que vir a Marinha Grande em caso de gravidade, ou esperar que os médicos chegassem nos dias de consultas ordinárias.

Porém, uma coisa está numa terra para atender de pronto e a qualquer hora o doente que requiera o auxilio médico, outra é estar a 13 quilómetros e só visitar a povoação em que devia residir, a dia indicados, ou extraordinariamente quando chamado.

Faz uma certa diferença, diferença que nos leva a afirmar que o dr. sr. Gaspar não tem direito a receber a importância de 80 mil escudos.

Pois se não cumpriu com a principal formalidade que era residir em Vieira de Leiria, como quer agora que se lhe pague tão avultada quantia?

Como, se os vieirenses se viram na necessidade de abrir concurso para a vinda dum outro médico?

Como, se eles viram a sua terra assolada por pestes, se eles viram os que lhes eram caros contorcem-se com dores e não tem um facultativo que lhes abrandasse?

E então é justo que a Câmara vá pagar 80 contos por um serviço que não foi feito?

Pão, pão, queijo, queijo, mas entendemos que não há direito de reclamar uma coisa dessas!

E o povo vieirense não deve consentir em tal, o povo deve impor-se, deve protestar, deve afirmar bem alto a sua reprobção, deve revoltar-se contra a extorsão!

Um povo tem o dever de defender o que lhe é caro, mas não desprezar estas importantes questões, tomando a vanguarda delas, para que venham ou possam vir a ter solução satisfatória.

E as 60 pessoas indicadas para deporem no tribunal, devem manifestar o seu desagrado contratando pagamento porque, dizendo o contrário, fomentam o prejuizo da sua terra; cimentam o que é injusto e arbitrário.

Só a verdade deve ser dita, só com imparcialidade devem falar.

Resalta à vista a indiferença com que o dr. sr. Gaspar tratou os vieirenses.

O que devem pois fazer neste momento? Mostrar, com clareza a verdade pura, despidida de intuitos menos dignos.

Assim o crémis, porque os vieirenses não são animados por ódios pessoais. O recente comício é atestado eloquentíssimo desta verdade consoladora.

Todos, absolutamente todos, foram concordes em afirmar que o dr. Gaspar não prestou à Vieira os serviços que lhe competiam como médico contratado que era.

Todos se reportaram ao facto do dr. sr. Gaspar fixar a sua residência em Marinha Grande abandonando Vieira de Leiria.

Nestas condições entenderam que era necessário afirmar publicamente a sua discordância contra o desígnio do dr. sr. Gaspar.



MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A dolorosa existência dos trabalhadores em Bombaim

Os operários da indústria de madeira na Holanda têm conquistado com a sua energia uma vantajosa situação

A admirável vitória obtida pelos operários de Bombaim levou a imprensa inglesa a falar com muito interesse na necessidade de se melhorar a situação económica e as condições de vida dos trabalhadores indianos.

Desprezando a hipocrítica consciência dos jornais burgueses, demos algumas informações acerca das condições de vida dos trabalhadores de Bombaim e arredores. Quasi todos afluem das aldeias e desprovidos de qualquer cultura e de conhecimentos de trabalho, a população trabalhadora de Bombaim se torna um inconfundível agregado, de aspectos constantemente mutáveis.

A maioria dos imigrantes vão para os campos, ajudar as famílias agrícolas nos seus trabalhos de lavoura. As terras eram, até há pouco, muito pobres e abandonadas, por deficiência de recursos das famílias que as possuíam. Ultimamente, os usuários têm adquirido por baixo preço diversas propriedades e feito empréstimos com juro de arruinar. O Estado cobra pesados impostos e contribuições, o que torna quasi desastrosa a cultura das terras. Os mesmos prestamistas vendem aos rurais, por preços de pirata, diversos artigos facilmente adquiridos nas cidades.

Os desventurados trabalhadores, por causa da exploração capitalista, vão caindo sob a tutela do salariato, um regime de verdadeira escravidão, na Índia mais do que em muitos pontos do globo.

Não podendo suportar tão pesados encargos, no ansio de fugir à usura, os camponeses emigram para as cidades, seduzidos pelos salários oferecidos nas indústrias. Na cidade, porém, não encontram trabalho tão depressa, e veem-se forçados a viver de recursos ocasionais, agravando-se as suas privações. O melhor preço para conseguir trabalho nas fábricas é um barril de aguardente aos contratados.

O operário que tenha a imprudência de trazer sua família, logo se empenha e fica à mercê de circunstâncias. O prestamista arranca ao trabalhador um juro que vai até 150 por cento, de modo que a situação na cidade não é melhor que no campo. E' certo que o contratado é obrigado a fazer reconduzir o contratado à sua terra natal, mas o infeliz tem de o requerer com um mês de antecedência e esperar resignadamente a sua vez.

A média de desastres nas 85 fábricas têxteis de Bombaim é de 1 por dia. Como o maior número de fábricas se situam longe da cidade, os operários sinistrados são remetidos ao hospital em carro descoberto, puxado por bois, e sob um calor que asfixia.

Em Bombaim, as operárias grávidas, não têm mais direito que a poucas dias de licença, no último período. Para não perderem o lugar, as operárias veem-se forçadas a trabalhar até ao último momento, do que resulta que inúmeros partos se dão nas ruas e nas oficinas. Há semanas, foi rejeitado no Parlamento um projecto de lei de protecção à maternidade. Porque desperta, agora, a falsada filantropia do burguês-capitalista?

A situação da organização dos operários da indústria do mobiliário na Holanda

A Federação Holandesa dos operários da Indústria do Mobiliário, organização reformista, tem seguido uma sensível baixa nos seus efectivos sindicais. Os seus dirigentes pretextam a luta que aquela Federação teve de manter, durante o ano de 1920 e seguintes, contra a crise económica que afectava todas as classes operárias. Em 1921, a mesma Federação sofria uma baixa dos seus efectivos na proporção de 11 por cento, e essa proporção era muito mais vasta em 1925—cerca de 15 por cento. Assim, os 7.000 filiados com que a Federação contava em 1920, estavam reduzidos a menos de 5.000 no ano findo, distribuídos por 50 organismos locais.

A crise de que sofre na Holanda a indústria do mobiliário, não alterou, contudo, a situação económica e moral dos seus operários. Mas é certo que os salários têm baixado um pouco, embora se mantendo respectivamente os contratos de trabalho.

Deste modo, e com isto, que é quasi nada e não passa de um paliativo, se contentam os dirigentes reformistas, o patrão é obrigado a pagar ao operário, que adoece, 70 por cento do salário. Os dias de feriado oficial devem ser pagos integralmente, e em cada ano serão concedidos quatro dias de licença com salário, desde que o operário esteja há mais de um ano, ser-lhe há pago um dia de licença por cada trimestre de permanência.

Em 1923, quando a crise de trabalho era intensissima, o patronato procurou despojar os operários dos direitos que soberam conquistar, mais com o seu esforço próprio do que com a actividade dos seus dirigentes. A ofensiva patronal generalizou-se em toda a indústria de madeira, declarando-se em lock-out que durou cinco semanas e foi derrotado pelos operários.

Os reformistas ligam excepção a importância aos fundos depositados. Compreende-se essa preocupação, pois, sem fundos não se poderiam manter nos seus lugares burocráticos, cuja defesa os leva a desprezar os interesses da classe operária. Vejamos um curioso trecho de um seu comunicado: «Em 1920 deflagrou-se um violento conflito num momento em que a Federação possuía um capital de 47.000 florins. O conflito terminou duas semanas depois, tendo custado mais de 70.000 florins, de maneira que o capital teria sido devorado se os filiados não tivessem coberto o deficit até se reunirem 80.000 florins. Assim depois do conflito, a Federação ficou mais rica que antes. Em 1923, ao estalar o lock-out possuía a Federação em caixa 320.000 florins. O lock-out custou 125.000 florins, mas depressa se recuperaram as perdas nos anos seguintes. Actualmente, a Federação possui no seu cofre de resistência cerca de

ÓDIO QUE NÃO CANSA

Os estivadores do porto de Lisboa estão novamente em luta pela defesa da escala de trabalho

Estamos em presença de um novo conflito marítimo. As classes marítimas, fadadas para estes permanentes litígios, estão mais uma vez em luta com os seus exploradores.

O motivo desta luta não é novo. Procede desde o primeiro dia em que os marítimos resolveram distribuir o trabalho pelo sistema de escala. Procede desde aquele momento em que alguns afiliados viram preteridos os seus desejos.

Ainda não há muito tempo um conflito grande conturbou a vida marítima e a sua causa encontramo-la na pretendida extinção da escala. E' nesse conflito estiveram envolvidas as principais classes de longo curso, incluindo os comandantes de navios.

Agora voltamos a assistir a um conflito com os mesmos caracteres. Os armadores, que de há tempos vinham manifestando aos estivadores o desejo de extinguirem a escala para a distribuição de trabalho a bordo, declararam ontem o lock-out.

Quere dizer: os armadores só darão trabalho aos estivadores quando estes prescindirem da escala.

Não nos surpreende a resolução dos armadores. Ainda não há muito tempo que arquivámos nas nossas colunas as opiniões de um militante dos estivadores sobre a atitude dos armadores.

Por esse militante ficamos sabendo que os principais culpados dessa atitude não eram os armadores. Os principais culpados são os estivadores gerais, aqueles indivíduos encarregados da direcção do trabalho de estiva.

Para que os leitores da Batalha não ficassem privados do conhecimento das causas deste conflito, tentámos, ontem, avisarmos-nos com um elemento dos estivadores.

Quando nos propunhamos desempenhar dessa missão deparou-se-nos um elemento da organização marítima que, embora não pertença aos estivadores, conhece, como poucos, o conflito. Esse elemento é Miguel José Carvalhal, que nas rápidas palavras que vou ler-se, descrever os propósitos dos causadores do lock-out.

A pretensão de extinguir a escala é velha entre os armadores. E' velha porque dessa extinção interessam os estivadores gerais.

E' explicação: —Quando terminar a escala o trabalho de estiva, que hoje é distribuído equitativamente, será apenas executado pelos filiados dos estivadores gerais. Quere dizer: só quem estiver nas graças do estivador geral é que trabalha.

—Mas essa ideia é absurda! —Que importa! Agrada aos estivadores gerais e é quanto basta.

E logo a seguir: —E'grada também aqueles cavalheiros que procuram a protecção dos estivadores gerais só para se locupletarem a bordo com o que calhar... Sim, porque desaparecendo a escala, desaparece aquele princípio moral que estava estabelecido: o sindicato era o responsável por tudo que ocorresse a bordo, porque era o sindicato que escolhia o pessoal.

—Prevê que o lock-out se estenda a outras classes? —E' cêdo ainda para lhe responder. Os estivadores reúnem hoje e resolveram manter a escala. A Federação Marítima vai reunir-se e é muito possível que as classes marítimas, dentro daquela solidariedade que sempre tem manifestado, não deixem sosinhos em luta os seus camaradas estivadores.

A concluir: —A minha classe (descarregadores de mar e terra), especialmente aquela parte que forma na secção dos alcohetanos, não está disposta a deixar perder esta grande regalia: a escala. E como não esta nessa disposição lutar até ser vencida, porque está nessa atitude a sua maior afirmação de consciência.

E o nosso entrevistado lá se quedou no mesmo lugar onde estava e foi divagando com os seus colegas sobre assuntos que interessam aos marítimos novamente atacados pelas ambições dos estivadores gerais e quejandos que para viverem eusam roubar o pão a quem vive proamente.

SOLIDARIEDADE

Pró-António Maria dos Anjos

Realiza-se depois de amanhã, pelas 21 horas, no Salão de Festas da Construção Civil, uma festa de homenagem a António Maria dos Anjos (Pescadinho), com o seguinte programa: 1.ª parte: Canção nacional pelos cultivadores Francisco dos Santos e Manuel Valente. 2.ª parte: Episódio intitulado «As Vigaristas», autor Alfredo Paiva. 3.ª parte: Episódio dramático intitulado «Controvérsia» pelo mesmo autor. 4.ª parte: Canção nacional pelos cultivadores Raúl Paiva, Eduardo Fraga, Alberto Ramos, Francisco dos Santos e Manuel Valente.

Pró-Silvário dos Santos

Conforme a «Batalha» referiu, realiza-se no próximo domingo, no Teatro Inicrível Almadaense, uma «matinée» de auxílio a Silvário dos Santos, dedicado militante da organização operária corticeira. Desnecessário será dizer que a classe operária do conchelo acorrerá em massa ao teatro, para afirmar a sua solidariedade com o militante que se encontra no hospital de São José devido a uma peritaz doença.

Liga dos Amigos dos Hospitais

Conforme foi resolvido na última Assembleia Geral extraordinária de 22 do corrente foram alterados os estatutos desta Liga, tornando-a completamente independente dos Hospitais Civis de Lisboa, pelo que a sua sede foi provisoriamente transferida para a Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 21, 1.ª, para onde de futuro lhe deve ser dirigida toda a correspondência.

Nas oficinas da P. C.

Mais violências — Uma prova eloquente do reacção do pessoal alvejado e a nossa atitude

O engenheiro Bravo de que já falámos, conseguiu transmitir aos restantes engenheiros a mania da perseguição ao pessoal, doença devesa contagiosa e que está incluída actualmente em quasi todos os dirigentes das oficinas. Com o decorrer do tempo, continuará certamente a restante parte e então não fará um dia, que não tenhamos de verberar seguidas injustiças.

O ambiente que se respira em Santa Apolónia, aniquila moralmente quem se lhe submeta sem reagir. As faculdades de resistência e luta de cada operário, perdem-se lentamente, se de início e logo que entra para as oficinas, se não resolve a encerrar afoitamente as arremetidas dos dirigentes. Habitua-se a aquela atmosfera de terror que o envenena, desenvolvida com o fim de tornar uma máquina de produzir apenas, sem sensibilidade moral para se indignar ante as violências de que é vítima e cai num marasmo inquietante e atrofiador.

E' necessário fazer despertar o espírito de rebeldia dessa massa explorada — uns mil homens! que desprovidos de qualquer garantia jurídica de defesa, somente na sua acção e solidariedade poderão confiar. E' dessa sua acção é que poderá resultar o estabelecimento de mais justas e humanas normas de trabalho, pelas quais sejam assegurados os seus direitos, em igualdade de condições dos restantes produtores da C. P.

A disparidade de situações existente entre o pessoal dos diferentes serviços, sob o ponto de vista de condições de trabalho, coloca os ferroviários das oficinas numa situação humilhante.

Nós, que presamos muito o sentimento de justiça que eleva os caracteres, temos o indeclinável dever de contribuir para o resurgimento dessa numerosa classe, que vive sob uma revoltante opressão.

Mas como íamos a descrever, o castigo nas oficinas de Santa Apolónia foi adoptado como sistema, aplicado a meudo, em prejuizo dos operários e do próprio trabalho.

Relatemos mais casos, para que ninguém duvide da absoluta razão das nossas palavras.

Na oficina de montagem de máquinas, de que é engenheiro uma criatura de nome Mendia, foram há tempos castigados uns tantos operários.

Foi tal a dureza e injustiça dos castigos, que o pessoal daquela secção indignando-se retirou do local em que foi colocado o conhecimento de tal gesto chamou à sua presença a um por um todos os operários, para que algum delatasse o camarada ou camaradas que não digno desabafo retirou a nota dos castigos. Como, porém, não obtivesse a delação, furioso com a alta e desasombrosa atitude de toda a secção, ameaçou os operários já castigados com o dobro da punição!

Na secção 4, estavam trabalhando numa carruagem quatro operários — serviço de forrageio e carpintaria; Estavam todos aplicados ao serviço, mas trocavam impressões sobre qualquer assunto, quando chegou o chefe Sequeira, que, naquela ansia de ferir que lhe é peculiar, aplicou a um dos operários um dia de suspensão e aos restantes três operários meio dia de multa a trabalhar.

Como estes tivessem protestado, por muita generosidade... do engenheiro foram retirados os castigos a três, mas manteve o do que lhe era mais antipático! Que espírito de justiça!

E estamos nós a ouvir constantemente a ária dos Direitos do Homem. Querem maior inquisição?

Outro exemplo da parcialidade e do espírito reacção deste engenheiro: Não é permitido tirar subscrições dentro das oficinas nem tão pouco fazer circular qualquer documento para assinatura do pessoal. Aquele que for apanhado na nobilitante missão de prestar solidariedade a um camarada doente, perseguido ou demitido, será severamente castigado.

Do entanto dá-se liberdade a quem exerce acto idêntico ou semelhante para fins de exploração religiosa.

Ha muito tempo já —retivemos este caso na mente por ser deveras interessante —um operário católico confeccionou uma lista e com ela se dirigiu aos engenheiros Sequeira e Almeida, para autorisarem a aquisição de assinaturas para reclamar a abertura da capela de Santo António da Sé... Prontamente acederam aqueles engenheiros ao pedido formulado, apoiando o mesmo. Um operário houve que em vez de pôr o seu verdadeiro nome, colocou na lista a sua alcunha... Alguns operários assinaram inconscientemente, outros por medo e aquele que tinha posto a alcunha, foi asperamente censurado pelo seu gesto, a ponto de se atemorizar e emendar na lista o que havia feito, escrevendo então o seu nome completo, com receio de ser castigado!

Que tal?

Já se viu absurdo maior e decadência tão grande?

Por tudo isto teremos que bradar muito e se a nossa voz se perder no deserto... só uma coisa lamentaremos: o estado de espírito a que chegaram os operários das oficinas da C. P.

Mas estamos convencidos que o eco da nossa voz se fará ouvir retumbantemente. E' uma questão de tempo.

Conservar-lhe-emos sempre a mesma vibratibilidade e ele concorrerá imenso para a modificação desse terrível ambiente, que sufoca os operários das oficinas da C. P.

Atropelado por automóvel

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Joaquim dos Santos, de 23 anos, natural de Alcaer do Sal, trabalhador, residente na travessa de Santa Quitéria, pátio Batalha, 5, que, no largo do Intendente, foi atropelado por um automóvel, ficando contuso pelo corpo.

Queda desastrosa

A' enfermaria 3 do hospital do Desterro recolheu Samuel dos Santos, de 8 anos, filho de Artur dos Santos e de Maria Emilia, natural e residente no Carvalho, Bombarral, que ali está de um carro fracturando uma perna.

Vida Sindical

C. G. T. Conselho Confederal

Reúne hoje pelas 21 horas o Conselho Confederal para continuação dos trabalhos.

C. S. T. Junta Sindical (Zona de Alfama)

Pelas 21 horas, a comissão executiva.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. —Reuniu-se o secretariado, tendo apreciado os assuntos que se vêm debatendo no Conselho Confederal. Deliberou aguardar a conclusão do debate para se reunir o Conselho Confederal, que deliberará sobre um relatório que lhe será apresentado.

Impressores Tipográficos. —Diligenciou a direcção solucionar o conflito suscitado entre o industrial da Tipografia Esteves e dois impressores, embora estes não sejam sindicados, tendo resolvido solicitar de todos os componentes da classe para que qualquer caso que surja seja comunicado antes de tomarem qualquer atitude para que o Sindicato possa ter uma acção profíqua.

Empregados no Comércio e Indústria. —Realizou-se ontem a assembleia geral deste Sindicato com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Leitura e votação do parecer das Comissões Administrativa e de Melhoramentos sobre a criação duma Caixa de Previdência; 2.ª Apreciar a marcha dos trabalhos sobre a fiscalização do horário de trabalho. Após a leitura da acta é aprovado um requerimento para que a meia hora que é de uso conceder-se antes da ordem passe para depois.

Entra-se em seguida na ordem de trabalhos fazendo um delegado das comissões administrativa e de melhoramentos a leitura do parecer sobre a criação da Caixa de Previdência e Instrução. Falaram sobre o parecer os seguintes camaradas: António Serracão, António Rodrigues Pereira, Manuel de Figueiredo, Manuel Maria de Sousa, António Alves, Joaquim de Figueiredo, Manuel Gonçalves dos Reis, Mário Pinto, Adelino Tavares de Sousa e Manuel de Sousa.

E' em seguida aprovado o parecer e nomeada a comissão elaboradora dos estatutos da Caixa de Instrução e Previdência que ficou assim constituída:

João Pereira, Paula Santos, Adelino Tavares de Sousa, Abraão Colimbra e Manuel de Figueiredo.

Foi aprovado um voto de saudação às comissões administrativa e de melhoramentos pelo trabalho realizado, por proposta de António Serracão.

Entra-se no segundo número da ordem. Jorge Campelo historia os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos no sentido de conseguir a fiscalização do horário de trabalho.

Pede a todos os camaradas que se ofereceram para fiscais para enviarem as suas fotografias para serem colocadas nos respectivos cartões e assim se poder dar começo imediato à fiscalização.

Lê em seguida a representação a enviar ao presidente do ministério e ao ministro do interior refutando as alegações apresentadas pela Associação Comercial dos Lojistas sobre a revogação da jornada das 8 horas.

E' aprovado um protesto contra a pretensão da Associação dos Lojistas. Foi em seguida aceite o pedido de demissão de Francisco Quintal.

S. U. C. Civil. —Secção do Alto do Pina. —A assembleia convocada para ontem foi proibida pela policia sob a alegação de não estar autorizada pelo general de divisão.

S. U. Mobilário. —Reúnem os corpos gerentes que apreciando o vário expediente resolveram: conceder a demissão de membro do comité da sede a Luís Costa; protestar contra a premeditada condenação de Sacco e Vanzetti e, na impossibilidade de enviar delegado à sessão da secção da Construção Civil de Palma, sairá-lhe por officio. Apreciou-se a forma de recompor os corpos gerentes ficando a comissão administrativa encarregada de dirigir convites a várias camaradas para esse fim. Apreciada a situação da União Anarquista perante este Sindicato, resolveu-se por unanimidade.

REÚNEM-SE HOJE: Pinheiros da Construção Naval. —Pelas 20 horas, a direcção.

Lotografos e Anexos. —Pelas 19 horas a comissão administrativa. São prevenidos os colegas Ernesto Fernando e Eduardo Fraga de que hoje se procederá à distribuição das importâncias que lhes couberem resultantes das quotas tiradas em várias oficinas.

CONVOCAÇÕES

Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um piquenique no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gazolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belem, onde atracará num gazolina à ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi.

Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraeiros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, previnem-se todos os camaradas que se queiram aproveitar deste magnifico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do continuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

EM PENICHE

Um armador crápula que se aproveita da inconsciência operária

PENICHE, 28. —Nós, trabalhadores, quando fazemos algum delito, mesmo insignificante que seja, desde logo somos condenados pelas classes patronais e pelas autoridades, e classificados como «legionários vermelhos». Vem isto para o seguinte caso:

Existe cá no burgo um armador chamado José Acúrcio que tem três armações, sendo uma na Berenga e duas a sul de Peniche. Este armador teve artes de enganar as companhias, oferecendo-lhes para irem trabalhar para as mesmas à sorte, isto é: quando fizessem 100 contos tirava as despesas do vendedor e o imposto do pescado e dividia o restante pelos camaradas (a meia parte) que a outra meia era só dele.

Mas, como não podia matricular as companhias sem um diário arranjo meio de vigiar o capitão do porto de Peniche oferecendo \$900 por dia, e quando pescassem peixe, esses \$900 seriam descontados e recebendo os camaradas a parte que lhes competia do peixe. Mas logo do princípio tratou do roubo, porque na mesma companhia havia um camarada que sabia ler e começou a apontar as canaistras de peixe e o seu valor; a certa altura o mestre duma armação como soubesse que o dito camarada apontava as canaistras, chamou este para a dita, dizendo: «tu não mais tornas a apontar as canaistras, senão o patrão se souber põe-te fora!»

Este mestre, de nome Pedro Tacha como tinha também parte no bolo, não lhe convinha que a companhia soubesse quando fazia, para assim mais à vontade serem roubados.

Os mais roubados são os camaradas da armação denominada «A Fraternidade» —grande fraternidade de exploração e roubo —porque no fim da quinzena que terminou em 15 do corrente chamou a companhia e disse-lhes que já não dava \$900, porque a armação já não pescava peixe, e que se quisessem fossem ao mar só a partes e senão que mandava pôr a armação em terra. Os camaradas não aceitaram tal proposta e ele então mandou que a dita armação viesse para terra, não fazendo contas aos camaradas das partes que ainda devia nem das chamadas partes mortas —que é o resto das partes que ficam das quinzenas que é costume serem divididas pelos camaradas que ajudam a pôr a armação em terra.

Na armação da Berenga também fez a mesma coisa, senão pior. No dia do pagamento mandou um seu lugar tenente, o mestre Júlio, à Berenga fazer contas à companhia. Os camaradas que mais dinheiro deviam no escritório foram os que mais receberam, e os que nada tinham pediram receber ainda menos. A companhia então veio a terra, isto é, a Peniche reclamar do patrão, mas ficaram na mesma e não queriam já ir para a Berenga mas, pela inconsciência da maioria, lá foram outra vez como cordeiros, deixando o patrão a esfregar as mãos de content.

Convém dizer que os mesmos camaradas são os grandes culpados das injustiças e roubos de que são vítimas, porquanto têm cá o seu sindicato e não fazem caso de lhe dar vida, juntando-se todos para se imporem contra os «legionários negros» fazendo-lhes a barreira devida para os deter em respeito contra a crápula e o roubo.

Pescadores de Peniche: tratai de pôr os olhos no que vos está acontecendo e daí a vitalidade precisa ao vosso sindicato, unindo-vos todos como um só homem para não mais seres roubados por este e outros da mesma força.

dade, para evitar factos lamentáveis dentro desta sede, convidá-la a abandonar imediatamente o gabinete que ocupa.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Pinheiros da Construção Naval. —Pelas 20 horas, a direcção.

Lotografos e Anexos. —Pelas 19 horas a comissão administrativa. São prevenidos os colegas Ernesto Fernando e Eduardo Fraga de que hoje se procederá à distribuição das importâncias que lhes couberem resultantes das quotas tiradas em várias oficinas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Pinheiros da Construção Naval. —Pelas 20 horas, a direcção.

Lotografos e Anexos. —Pelas 19 horas a comissão administrativa. São prevenidos os colegas Ernesto Fernando e Eduardo Fraga de que hoje se procederá à distribuição das importâncias que lhes couberem resultantes das quotas tiradas em várias oficinas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Pinheiros da Construção Naval. —Pelas 20 horas, a direcção.

Lotografos e Anexos. —Pelas 19 horas a comissão administrativa. São prevenidos os colegas Ernesto Fernando e Eduardo Fraga de que hoje se procederá à distribuição das importâncias que lhes couberem resultantes das quotas tiradas em várias oficinas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Pinheiros da Construção Naval. —Pelas 20 horas, a direcção.

Lotografos e Anexos. —Pelas 19 horas a comissão administrativa. São prevenidos os colegas Ernesto Fernando e Eduardo Fraga de que hoje se procederá à distribuição das importâncias que lhes couberem resultantes das quotas tiradas em várias oficinas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Pinheiros da Construção Naval. —Pelas 20 horas, a direcção.

Lotografos e Anexos. —Pelas 19 horas a comissão administrativa. São prevenidos os colegas Ernesto Fernando e Eduardo Fraga de que hoje se procederá à distribuição das importâncias que lhes couberem resultantes das quotas tiradas em várias oficinas.

CONVOCAÇÕES